

"ERA TUDO NOSSO":
ARQUEOLOGIA DO COLONIALISMO E DA
RESISTÊNCIA NA TERRA INDÍGENA LALIMA,
MIRANDA/MS.

Eduardo Bespalez

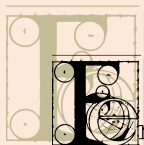
Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, docente do Departamento de Arqueologia do Núcleo de Ciências Sociais da Universidade Federal de Rondônia.
eduardo.bespalez@unir.br

resumo: A Terra Indígena Lalima, situada em Miranda/MS, ocupada pelos Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, enfrenta muitos problemas sociais por causa do colonialismo. Em termos históricos e culturais, destacam-se as questões geradas pelo processo de formação territorial, principalmente a usurpação do território tradicional e a superpopulação no território atual. As pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas em Lalima resultaram no estudo de contextos arqueológicos das tradições Pantanal, Guarani, Guaikuru e Terena, e das informações etnográficas de caráter etno-histórico contida na memória da comunidade, sobretudo em relação à paisagem e ao território. Este artigo explora o papel recursivo dos contextos arqueológicos em relação às demandas territoriais da comunidade, com o objetivo de legitimar as reivindicações indígenas por melhores condições de existência.

Palavras-chave: Descolonização da Arqueologia, Terra Indígena Lalima, Miranda/MS.

abstract: The Lalima Indigenous Land, located in Miranda/MS, occupied by Guaikuru, Terena, Kinikinao and Laiana Indians, faces many social problems because of colonialism. In historical and cultural terms, the issues generated by the territorial formation process stand out, mainly the usurpation of the traditional territory and the overpopulation in the current territory. Archaeological and ethnoarchaeological research in Lalima has resulted in the study of the Pantanal, Guarani, Guaikuru and Terena sites, and of the ethnographic information of an ethno-historical nature contained in the memory of the community, especially in relation to the landscape and territory. This article explores the recursive role of archaeological contexts in relation to the territorial demands of the community, with the aim of legitimizing indigenous claims for better conditions of existence.

Key-words: Decolonization of Archeology, Lalima Indigenous Land, Miranda/MS.



Em termos arqueológicos, as relações sociais entre os povos indígenas e as sociedades envolventes de origem europeia têm sido o tema de estudo da chamada “Arqueologia do contato cultural”. Esta, por sua vez, vem sendo elaborada de acordo com vieses teóricos e metodológicos Histórico-Culturais e/ou Processuais da Arqueologia Pré-histórica, com foco na pressão exercida pelos materiais europeus nos processos de mudança cultural dos povos indígenas em direção à assimilação e à aculturação pelas sociedades envolventes, vista como inexorável. Nesse sentido, os indígenas foram compreendidos como agentes passivos, não-sujeitos de sua própria história.

No entanto, perspectivas mais recentes, baseadas nos referenciais pós-modernos e pós-coloniais absorvidas pela Arqueologia Pós-processual, sobretudo no âmbito da Etnoarqueologia e da Arqueologia Histórica, têm criticado os fundamentos conceituais da Arqueologia de Contato e proposto a “Arqueologia do Colonialismo”¹. Considerando que o contato trata de encontros de curta duração e de relações simétricas entre indígenas e sociedades de origem europeia, a Arqueologia do Colonialismo sustenta que as mudanças culturais enfrentadas pelos povos indígenas a partir da chegada dos europeus são decorrentes de processos de longa duração e das relações assimétricas entre colonizadores e colonizados. Destarte, sustentando o combate ao colonialismo e a descolonização do conhecimento arqueológico sobre o passado, a Arqueologia do Colonialismo, igualmente entendida como “Arqueologia da Resistência”, parte dos pressupostos da “Arqueologia Colaborativa”, sobretudo a partir de posturas dialógicas e multivocais, e de interpretações críticas e alternativas, para capacitar os povos indígenas com

¹ SILLIMAN, S.W. Culture contact or colonialism? Challenges in the archaeology of native North America. *American Antiquity*, v. 70, n. 1, p. 54-74, 2005.

recursos simbólicos que possam ser utilizados na legitimação das suas demandas por melhores condições de existência²³⁴⁵.

A Terra Indígena Lalima, situada em Miranda/MS, no Pantanal, ocupada por índios Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, ente outros, enfrenta uma série de problemas sociais decorrentes do colonialismo. Em termos históricos e culturais, destacam-se as questões geradas através do processo de formação territorial, principalmente a usurpação do território tradicional e a superpopulação no território atual⁶⁷. As pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas realizadas em Lalima resultaram no estudo de contextos arqueológicos associados aos povos indígenas portadores da Tradição Pantanal, Guarani, Guaikuru e Terena, e das informações etnográficas de caráter etno-histórico contidas nas memórias da comunidade, sobretudo em se tratando da dinâmica da paisagem cultural e da história de formação territorial⁸⁹. Isto posto, este artigo explora o papel recursivo dos contextos arqueológicos em relação às demandas territoriais mantidas pela comunidade, com o objetivo de utilizar a Arqueologia para legitimar as reivindicações indígenas.

a terra indígena lalima

A Terra Indígena Lalima, mais conhecida local e regionalmente como Aldeia Lalima, situa-se na área rural de Miranda/MS, à cerca de 50 km ao sul da sede municipal, na margem direita do alto curso do rio Miranda, em meio ao dorso da depressão interplanáltica e piemontana de Miranda, no domínio do Cerrado -

² LAYTON, R. **Who needs the past? (Indigenous values and archaeology)**. London: Routledge, 1989.

³ LAYTON, R. **Conflict in the archaeology of living traditions**. London: Routledge, 1994.

⁴ SILVA, F. S.; STUCHI, F. F.; BESPÁLEZ, E. Arqueologia colaborativa: Terra Indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. *Amazônica*, Belém, v. 3, n. 1, p. 32-59, 2011.

⁵ SMITH, C. & WOBST, M. (ed.). **Indigenous Archaeologies**. London, Routledge, 2006.

⁶ AZANHA, G. **As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. CTI: Brasília, 2004. Relatório técnico.

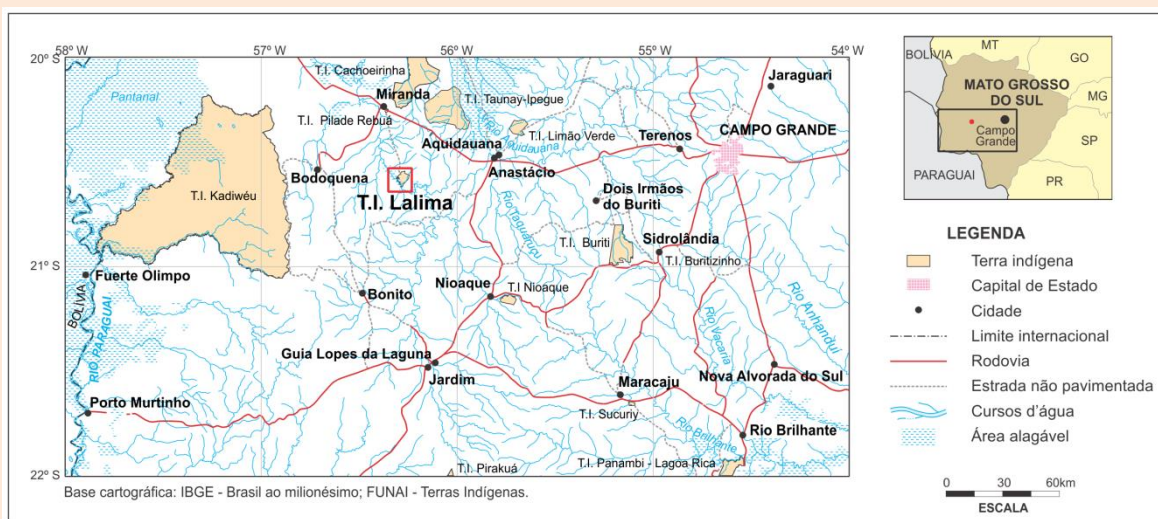
⁷ BESPÁLEZ, E. Arqueologia e etno-história na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 82-90, 2013.

⁸ BESPÁLEZ, E. **Levantamento arqueológico e etnoarqueologia na Aldeia Lalima, Miranda/MS: um estudo sobre a trajetória histórica da ocupação indígena regional**. 200 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

⁹ BESPÁLEZ, E. **As formações territoriais na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS: os significados históricos e culturais da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal**. 2014. 281 f. Tese (Doutorado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

dominado atualmente pelas fazendas de pecuária extensiva (Mapa 1)¹⁰. É importante esclarecer que apesar de não se caracterizar por pantanais e planaltos residuais, a região de Miranda é compreendida, tanto de pontos de vista socioculturais quanto ecológicos, como parte do Pantanal.

O território ocupado atualmente, localizado entre o rio Miranda, o córrego Barrero e os morros do Jaraguá, Urubu e Potrero - entre planícies inundáveis e margens fluviais e lacustres formadas por sedimentos arenosos, e colinas e encostas constituídas por sedimentos argilosos avermelhados e afloramentos de quartzo, xisto e basalto, recobertos por matas ciliares, vegetação sub-montana, campos, capoeiras, pomares, roçados e pastagens - é formado pela área registrada pela FUNAI, denominada "Divisa da FUNAI", e por uma área retomada, chamada "Potrero", possuindo, ao todo, pouco mais de 3400 hectares (Mapa 2). Não obstante, a área é habitada por mais de 1500 pessoas, constituídas majoritariamente por indígenas Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, seguidos, em menor número, por índios Kadiwéu e Guarani, bem como por brancos, negros, pardos e indígenas vindos de outras regiões do Pantanal e do Brasil, além do Paraguai e da Argentina.



Mapa 1 – Localização da Terra Indígena Lalima¹²

¹⁰ SEPLAN/IBGE. Estado de Mato Grosso do Sul. Atlas Multirreferencial do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1990.

¹¹ BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SF 21 Campo Grande. Geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1982.

¹² Bespalez (2014, p. 117).

A imensa maioria das pessoas fala português, com um sotaque semelhante ao de Corumbá/MS e ao de Cuiabá/MT. Apenas os mais velhos dominam as línguas indígenas Guaikuru, inserida na família Mbayá-Guaikuru, e Chané, da família Arawak, falada pelos Terena, Kinikinao, Laiana e outros Guaná. É interessante notar que alguns dos velhos também falam Guarani e castelhano, além do Guaikuru, do Chané e do português. De qualquer forma, grande parte das pessoas conhece o Chané, ensinado na escola através de uma disciplina chamada Língua Materna.

As unidades sociais mais básicas são formadas por famílias nucleares e extensas, endogâmicas ou exogâmicas, geralmente patrilocais e patrilineares. A comunidade é representada interna e externamente pelo Cacique e pelo Vice-cacique, eleitos, em média, a cada dois anos, bem como pelo Conselho Tribal, escolhidos pelo Cacique e pelo Vice entre as lideranças mais prestigiadas, e pelos anciões, notadamente ex-caciques, ex-vice e troncos familiares. Há até pouco tempo atrás, o Chefe do Posto Indígena da FUNAI também integrava o organograma político-administrativo local. No entanto, depois da recente reestruturação da FUNAI, a tutela e a assistência indigenista oficial é exercida pelo Polo de Miranda, subordinado à Delegacia Regional de Campo Grande. A maioria das pessoas se diz católica, mas também há muitos crentes e alguns espíritas, além de macumbeiros, benzedores e pajés, chamados de “purungueiros”.

As famílias vivem em uma ou mais casas construídas no mesmo quintal ou em quintais adjacentes, distribuídos em bairros interligados por ruas, trilhas e pontes. Os bairros mais populosos são a Sede, localizada em uma colina na margem esquerda do cór. do Lima, em torno do Posto da FUNAI, e a Campina, situada na colina entre a margem direita do Lima e a margem esquerda do Guanandi. No entanto, há outros bairros, como a Vila Pantaneira, na mesma colina que a Sede, e o Baixadão, nas proximidades da confluência do Lima com a margem direita do Miranda, e outras localidades ocupadas permanentemente por uma ou outra família, como a Urumbeva, na planície de inundação da margem direita do Miranda, o Barreiro, entre a divisa da FUNAI e o Potrero, e o Potrero propriamente dito. A maioria das casas é de palha e chão batido, porém há muitas habitações em adobe, madeira e alvenaria. Tanto a Sede como a Campina possuem escolas e postos de saúde em alvenaria. No entanto, a Sede se destaca pela presença do Posto da FUNAI e da igreja católica Redentorista, construídos em adobe na primeira metade do séc. XX, de uma quadra poliesportiva coberta junto à escola e de um centro comunitário. Alguns pajés constroem pequenas casas de reza, onde guardam seus artefatos mágicos, sobretudo a purunga, o penacho, vasos com plantas mágicas e imagens de santos, e realizam seus trabalhos espirituais. A Aldeia conta ainda com rede de eletricidade, estação de tratamento de água, poços artesianos e açudes.

Boa parte das pessoas obtêm trabalho remunerado nas fazendas da região, através da changa, ou então nas usinas sucroalcooleiras e outros empreendimentos agrícolas de maior porte, tanto na região quanto além, como assalariados contratados temporariamente. Muitos obtêm excedentes cultivando mandioca, milho, feijão, abóbora, verduras e frutas, sobretudo manga, laranja, limão, goiaba e melancia, bem como coletando guavira, jabuticaba, mel, palmito e copaíba, entre outras plantas, cascas e raízes, enquanto outros comercializam peixes, bois, cavalos, ovelhas, porcos, galinhas e ovos. Alguns conseguem ocupar os cargos públicos disponíveis na Aldeia, como os de professor, zelador, motorista, enfermeiro, agente de saúde e funcionário da FUNAI. Há ainda alguns comerciantes, marceneiros, carpinteiros, borracheiros e mecânicos. Outras fontes importantes de renda provêm de aposentadorias e pensões. Várias pessoas, principalmente homens, ainda praticam atividades cinegéticas, visando principalmente catetos, queixadas, pacas, veados, antas, tatus, cotias, mutuns, perdizes, codornas, pombos, jabotis e lagartos. Seja como for, a maioria dos quintais das residências é utilizado no cultivo e no manejo de plantas alimentícias, medicinais e mágicas, e na criação de animais domésticos, ao mesmo tempo em que muitas pessoas desenvolvem várias dessas atividades simultaneamente. Além disso, a comunidade impetra recursos através do turismo de pesca no rio Miranda e é assistida por meio de uma série de programas sociais promovidos pelos governos municipal, estadual e federal.

O afluxo de bens e serviços é constante. Todos têm acesso, desde que tenham como pagar, aos mais variados produtos, desde utensílios e ferramentas até aparelhos eletrônicos e automóveis. Apesar da má conservação da estrada Miranda-Lalima, há dois ônibus que partem diariamente da Aldeia no início da manhã e retornam no fim da tarde, e disponibilidade de taxis, mototaxis e fretes a qualquer hora do dia, tanto em Miranda quanto em Lalima. Somente algumas pessoas ainda confeccionam artefatos indígenas tradicionais, principalmente cestaria, colares, pulseiras, brincos, plumárias e cerâmicas, bem como tecidos, bordados, crochês e tricôs. Entre as manifestações culturais tradicionais, cabe destacar a Dança do Bate-Pau, encenada no dia do índio ou durante a recepção de visitantes ilustres ou eventos importantes, e a festa junina de São João, marcada por uma série de ritos e cerimônias, como a entrega da bandeira de São João e a passagem a pé sobre as brasas da fogueira. No mais, a vida sociocultural da Aldeia é agitada simultaneamente por uma série de eventos ordinários e singulares, como festas de aniversário, casamentos, batizados, churrascos comunitários, bailes de música sertaneja e campeonatos esportivos.

Muitas mulheres participam ativamente da vida social, política, econômica e religiosa em Lalima. Geralmente, as mulheres estão presentes entre as lideranças, não raro como Vice-cacique, porém mais frequentemente como conselheiras. Elas também trabalham como professoras e zeladoras nas escolas, e como enfermeiras e

agentes de saúde nos postos de saúde, além de serem agricultoras, comerciantes, artesãs, mães e donas de casa. Algumas, talvez até mais do que os homens, suportam estados de crise, têm revelações oníricas e acabam se tornando xamãs. Há parteiras na Aldeia, mas atualmente a maioria das crianças nasce em hospitais de Miranda, Aquidauana ou Campo Grande. As crianças permanecem na casa dos pais ou dos avós paternos até se casarem, entretidos, nas idades mais tenras, em atividades com os parentes mais próximos, e, quando chega o momento de ir para a escola, com os colegas. Todavia, mesmo as filhas casadas que residem em conjunto com os parentes dos seus maridos, visitam seus pais constantemente. Os mortos são velados dentro das casas, sob muitas lágrimas, lamentações e lembranças, e são enterrados em caixões, acompanhados por alguns pertences, em covas a sete palmos do chão, no cemitério da Aldeia, localizado em uma área relativamente distante dos bairros.

Não obstante, o dia-a-dia em Lalima não é tão fácil assim. Muitos se queixam da FUNAI, dos governos, do desemprego, da educação e da saúde. Há conflitos entre lideranças, clientelismo, alcoolismo, famílias desestruturadas, desvios de comportamento, violência e problemas territoriais. Apesar de Lalima ser compreendida memorialmente como um lugar de abundância, dotada de terras férteis, pesca, caça e coleta, é pouca terra para muita gente. A densidade demográfica cresceu mais de mil por cento em um século, tanto pelo assentamento de indivíduos e famílias provenientes de outros lugares, quanto pelo crescimento da natalidade e diminuição da mortalidade. Falta principalmente terra, madeira e palha, e a disponibilidade de peixes, animais e vegetais diminuiu muito. Várias atividades sociais importantes têm se tornado cada vez mais inviáveis por causa da territorialização¹³. Não há mais terra para cultivar roçados e pastagens, e nem para construir casas. Até mesmo as madeiras usadas como esteios e as palhas e capins utilizadas nas paredes e coberturas das casas estão escassas, assim como as matérias-primas necessárias para a confecção de artesanatos. Muitos estão deixando a Aldeia e se estabelecendo em outras Terras Indígenas, em propriedades rurais e nas cidades, inclusive em outros estados.

¹³ OLIVEIRA, J. P. *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

memória e territorialidade

A memória¹⁴ e a paisagem¹⁵ são os principais canais de expressão de territorialidade em Lalima. De acordo com vários interlocutores, o território tradicional, denominado “Divisa do Lalima”, é bem maior que a Divisa da FUNAI e o Potrero (Mapa 2). Manuel de Souza Neto “Guaikuru”, meu principal colaborador, se refere ao território atual como “o que nós tamo usano” (Foto 1) O pai do Manuel, João de Souza “Guaikuru”, um senhor nonagenário, considera que “era tudo nosso” e evoca a Estação Guaicurus da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, situada além de Miranda, para legitimar suas afirmações. De fato, há muitos topônimos de origem Guaikuru e Chané na região. Lalima, por exemplo, é uma corruptela de “lalímaga”, um termo de origem Guaikuru que significa “o sol se põe aqui”.

As fontes históricas e etnográficas diretas mais antigas sobre Lalima, escritas a partir de meados do séc. XIX, afirmam que a área era território Guaikuru. Joaquim Alves Ferreira, por exemplo, em um ofício datado de 1848, relatou que Lalima era ocupada por 500 índios “Guaicurús-Cologués”¹⁶. Taunay observou, durante a Guerra do Paraguai, que Lalima, assim como Nioaque, era habitada pelos “guaycurús”¹⁷. Os documentos do SPI da primeira metade do séc. XX também afirmam o mesmo e acrescentam que as terras da Aldeia haviam sido reservadas no período imperial¹⁸. As titulações primitivas de imóveis de Miranda, por sua vez, se referem à Lalima como “aldeamento Guaicuru” ou “Colônia Guaicuru”¹⁹. Darcy Ribeiro realizou observações etnográficas em Lalima na década de 40 e relatou que a área era ocupada por alguns “Mbayá”, em referência aos falantes de línguas da família Mbaya-Guaikuru, e pelos Terena²⁰. Cardoso de Oliveira, por inspiração de Darcy Ribeiro, desenvolveu pesquisas etnográficas em Lalima na década seguinte²¹. De acordo com ele, Lalima era ocupada por índios “Guaikurú, Terêna, Layâna e... Kadiwéu, além de... mestiços e... brasileiros”²², e teria se formado no séc. XVIII

¹⁴ CONNERTON, P. Cultural Memory. In: TILLEY, C. et al. *Handbook of material culture*. London: SAGE, 2006. p. 315-324.

¹⁵ INGOLD, T. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, v. 25, n. 2, p. 152-174, 1993.

¹⁶ FERREIRA, J. A. *Notícia sobre os índios de Mato Grosso: dada em ofício de 2 de dezembro de 1848 ao Ministro e Secretário de Estado do Império, pelo Diretor Geral dos Índios da então Província*. Cuiabá: IHGMT, 2001.

¹⁷ TAUNAY, A. E. *Scenas de Viagem*. Rio de Janeiro: Typogrphia Americana, 1868.

¹⁸ Cardoso de Oliveira (1976).

¹⁹ Azanha (2004).

²⁰ Ribeiro (1980).

²¹ CARDOSO de OLIVEIRA, R. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1976.

²² CARDOSO de OLIVEIRA (1976, p. 75).

Estudos mais recentes, todavia, assim como os documentos oficiais da FUNAI, consideram Lalima como território Terena²³.

Com efeito, há várias fontes setecentistas e oitocentistas que mencionam populações indígenas Guaikuru e Guana na região de Miranda, como as escritas por Antônio Pires de Campos²⁴, Ricardo Franco de Almeida Serra²⁵, Francisco Rodrigues do Prado²⁶ e Francis de Castelnau²⁷, entre outras. Seja como for, tanto os Guaikuru quanto os Guaná são citados nas primeiras fontes seiscentistas e setecentistas redigidas pelos conquistadores, colonos e missionários espanhóis ou a serviço da Espanha, a partir do Paraguai Colonial²⁸²⁹³⁰. Porém nesse período os Guaikuru e os Guaná estavam estabelecidos na margem direita do rio Paraguai. Eles teriam atravessado o curso do Paraguai e se assentado na margem esquerda ao longo dos séc. XVI e XVII, até se estabelecerem nas regiões de Corumbá e Miranda, no

²³ FERREIRA, A. C. **Tutela e resistência indígena: etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

²⁴ CAMPOS, A. P. Breve notícia que dá o Capitão Antônio Pires de Campos do gentio barbaro que ha na derrota da viagem das minas do Cuyabá e seu recôncavo, na qual declara-se os reinos, a que chegou e viu por maior, sendo em tudo diminuto, porque seria processo infinito, se quizesse narrar as varias nações, nos mesmos usos, e costumes, trajos e vantagens que fazem, e menos numeral-os, por se perder o algarismo, principalmente no dilatado reino do Parecizez, tão extenso e dilatado, e seus habitadores por extremo asseadissimos e estaveis, e tão curiosos que podem competir com as mais das nações do mundo no seu tanto, e dos que aqui não faz menção, o farão outros mais curiosos que elle. Se o faz de que a experiência lhe tem mostrado no decurso de tantos annos, até o dia 20 de maio de 1723. **Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil**. Rio de Janeiro, t. XXV, p. 437-449, 1862.

²⁵ ALMEIDA SERRA, R. F. de. Continuação do Parecer sobre os índios Uaicurús, Guanás, etc. Que se começou a publicar na Revista n. 26, pag. 204 do tomo 7º, etc. Manuscrito original do Sr. Dr. Tenente-coronel Jardim. **Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. XIII, p. 348-396, 1845.

²⁶ RODRIGUES DO PRADO, F. **História dos índios cavaleiros ou da nação Guaicuru**. Campo Grande: IHGMS, 2009.

²⁷ CASTELNAU, F. de. **Expedições às regiões Centrais da América do Sul**. São Paulo: Nacional, 1949.

²⁸ CABEZA DE VACA, A. N. **Nafragios y comentarios**. Madrid: Edición de Roberto Ferrero, 1985.

²⁹ GUZMAN, R. D. de. **Anais do descobrimento, povoação e conquista do Rio de La Plata**. Campo Grande: Governo de Mato Grosso do Sul, 2008 (Coleção Documentos Para a História de Mato Grosso do Sul).

³⁰ SCHMIDEL, U. **Relato de la conquista Del rio de la Plata y Paraguay: 1534-1555**. Madrid: Alianza, 1986.

séc. XVIII³¹. Até então, a região de Miranda era ocupada por índios Guarani-Itatim e Gualacho-Labrador³²³³.

Os Guaikuru históricos foram caracterizados como caçadores-coletores nômades aguerridos, que se tornaram cavaleiros logo no início do período colonial, ao passo em que os Guaná foram descritos como agricultores sedentários³⁴³⁵³⁶³⁷. Os Guaikuru e os Guaná travaram inúmeras batalhas contra os Guarani, espanhóis e portugueses. Hercule Florence testemunhou a partida de uma Guerra Justa contra os Guaikuru no porto de Cuiabá, em 1822³⁸. Os primeiros cronistas, a exemplo de Schmidl³⁹, compararam as relações sociais entre os Guaikuru e Guaná com as relações de suserania e vassalagem característica do feudalismo. Posteriormente, alguns antropólogos começaram a compreender as relações Guaikuru-Guaná como relações intertribais de alianças e simbioses, enquanto outros as explicaram utilizando as ideias de Max Schmidt sobre o ethos Aruak⁴⁰⁴¹⁴². O fato é que essas relações ainda não estão suficientemente compreendidas. No entanto, parece cada vez mais claro que elas se tornaram ainda mais intensas com o colonialismo.

³¹ BASTOS, U. R. de A. **Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai**. 1972. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1972.

³² CORTESÃO, J. (org.). **Manuscritos da Coleção de Angelis. Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952.

³³ GADELHA, R. M. A. F. **As missões jesuíticas do Itatim: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais, séc. XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

³⁴ ALTENFELDER SILVA, F. Mudança cultural dos Terena. **Revista do Museu Paulista (Nova Série)**, v. III, 1949.

³⁵ HERBERTS, A. L. **Os Mbayá-Guaicuru: área, assentamento, subsistência e cultura material**. 1998. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998.

³⁶ METRAUX, A. Ethnography of the Chaco. In: Steward, J. H. **Handbook of South American Indians**. Washington: Smithsonian Institution, 1946, v. I, p. 197-370.

³⁷ OBERG, K. **The Terena and Caduveu of southern Mato Grosso**. Washington: Smithsonian Institution, 1949.

³⁸ FLORENCE, H. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1977.

³⁹ SCHMIDEL (1986).

⁴⁰ AZANHA (2004).

⁴¹ RIBEIRO, D. **Kadiwéu**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

⁴² CARVALHO, S. M. S. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia da Paraná e o sul mato-grossense. In: Carneiro da Cunha, M. **História dos índios no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 457-74.

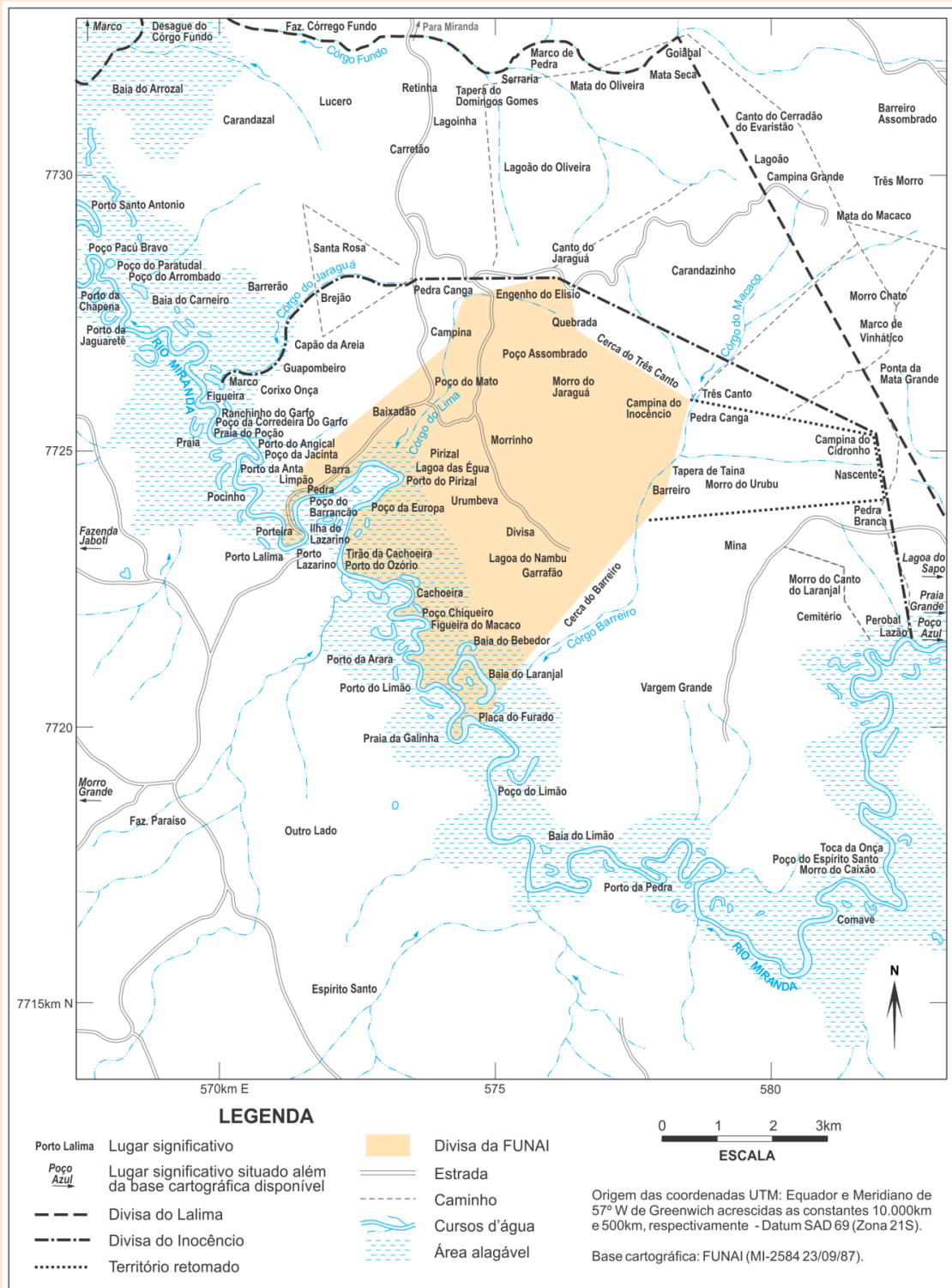
Cardoso de Oliveira⁴³ ainda escreveu que Lalima começou a ser efetivamente demarcada em 1905, depois da passagem da Comissão Rondon pela região, durante a construção das linhas de telégrafo, citando decretos publicados em 1905 e 1917, os quais sustentam que a área possuiria 3600 hectares, limitadas pelos córregos Guanandi e Barreiro. Não obstante, Cardoso de Oliveira elaborou, em “Urbanização e tribalismo”, um dos comentários mais anacrônicos, apesar das ponderações, diante da situação fundiária atual dos Terena. Segundo o célebre antropólogo,

(...) entre os Terêna, nem a terra tematiza a Cultura nem polariza a Sociedade. (...) Essas terras das quais estão de posse – e nos referimos expressamente aos Terêna de Reserva – são garantidas pelo Governo federal, provavelmente como o único fruto positivo de sua colonização: a defesa das terras tribais. Ora, se suas terras estão praticamente asseguradas, pelo menos na atual conjuntura, o sentido de sua apropriação pode mudar, pois não se trata (como é comum em vários outros grupos tribais) de lutar pelo seu território. Essa luta ficou como coisa do passado, tendo a história registrado o seu paulatino confinamento em pequenas áreas.⁴⁴

Nada mais paradoxal, ainda mais frente às violências cometidas pela sociedade envolvente às populações indígenas estabelecidas na região em pleno séc. XXI, como a morte do Terena Oziel Gabriel durante a reintegração de posse dos territórios retomados na TI Buriti, em Sidrolândia/MS, por forças policiais, em 2013, e a do Guarani-Kaiowá Simião Vilhalva, na TI Nande Ru Marangatu, em Antônio João/MS, por pistoleiros, em 2015.

⁴³ CARDOSO de OLIVEIRA (1976, p. 75-76).

⁴⁴ Cardoso de Oliveira, 1968, p. 97.



Mapa 2 - Paisagem cultural na Terra Indígena Lalima⁴⁵

A maioria dos meus colaboradores, membros da família Guaikuru Souza, são descendentes diretos dos interlocutores de Darcy Ribeiro e Cardoso de Oliveira. De acordo com eles, principalmente o Manuel, a Divisa do Lalima se inicia na “Lagoa do Arrozal”, no “Deságue do córgo Fundo”, bem à jusante da “Portera” – onde atualmente se encontra um dos limites da Divisa da FUNAI, na margem do Miranda (Mapa 2). Da foz do cór. Fundo, a Divisa do Lalima subia o curso do mesmo, passando por uma série de lugares significativos⁴⁶, principalmente marcos territoriais, lugares de memória e áreas de captação de recursos, até um lugar denominado “Goiabal”. A partir daí, a Divisa tendia no sentido sudoeste, passando novamente por uma série de outros lugares significativos, até a “Praia Grande” e o “Poço Azul”, situados novamente na margem direita do Miranda, só que bem mais à montante da “Placa do Furado” – onde, por sua vez, se localiza o outro limite da Divisa da FUNAI na beira do Miranda.



Foto 1 - Manuel de Souza Neto “Guaikuru”, principal interlocutor das pesquisas arqueológicas e etnográficas na TI Lalima⁴⁷.

⁴⁵ BESPÁLEZ, 2014, p. 119.

⁴⁶ ZEDEÑO, M. N. & BOWSER, B. J. 2009. *The archaeology of the meaningful places*. Salt Lake: The University of Utah Press, p. 1-15.

⁴⁷ BESPÁLEZ (2009, p. 178).

Os índios ainda contam que antes do estabelecimento da Divisa da FUNAI, o Capitão Inocência Xavier, celebrenente considerado como um dos últimos chefes Guaikuru de Lalima, reagiu à usurpação do território tradicional, através da delimitação de uma área referida pelos índios como “Divisa do Inocência” (Mapa 2). Esta, por sua vez, era menor do que a Divisa do Lalima, mas era maior que a Divisa da FUNAI. A Divisa do Inocência começava na “Figuera”, situada à jusante da Portera, porém bem mais à montante do Deságue do córgo Fundo. Da Figuera, o território definido pelo Cap. Inocência seguia pelo curso do “Córgo do Jaraguá”, passando, mais uma vez, por uma série de lugares significativos, até o “Canto do Jaraguá”, situado no sopé setentrional do Morro do Jaraguá. Daí, a Divisa do Inocência seguia, no sentido sudeste, até a “Campina do Cidronho”, localizada exatamente no mesmo lugar onde atualmente se encontra o Potrero. A partir do Cidronho, a Divisa do Inocência tendia na direção sul-sudeste, até o “Lagoão”, na margem do Miranda, bem à montante do Furado, porém não muito distante da Praia Grande e do Poço Azul. Após a sua demarcação, o Capitão Inocência se assentou na vertente leste do Morro do Jaraguá, próximo da margem direita do “Córgo do Macaco”, em um lugar denominado pelos índios de “Campina do Inocência”, onde permaneceu até adoecer.

Posteriormente, no séc. XX, porções da Divisa do Inocência situadas ao noroeste e ao nordeste-leste-sudeste da Divisa da FUNAI foram paulatinamente usurpadas. Uma dessas áreas, situada entre o córgo Jaraguá e o limite noroeste da Divisa da FUNAI, foi arrendada por um fazendeiro vizinho, em um negócio promovido por um chefe de posto no tempo do SPI, em troca de um boi por mês. A terra foi cercada e formada pela fazenda. Dentro de um pouco, o boi parou de ser pago, a fazenda foi vendida e a terra ficou fora da Divisa da FUNAI. Literalmente, o Manuel se referiu a esse fato da seguinte maneira:

(...) esse Gaúcho tinha muita intimidade com o fazendero aí... né i até hoje meu pai fala pra mim, acho qui é, é Gaúcho qui vendeu essa nossa tera aí, tipo como qui o homi não quis mais pagá, né, o que ele tinha combinado com, cum a comunidade aqui só treze família né, todo fim de meis eu trazo um boi gordo pra pagamento do arrendamento da área aí, tá bão, daí foi pagano uns cinco seis meis, daí nunca mais pago né, e o Gaúcho tinha muita intimidade já tavão entrano cerca aqui...

Há ainda outros casos semelhantes, como o da “Quebrada da cerca do três canto”, situada no limite leste da Divisa da FUNAI. Segundo o Manuel, o fazendeiro

que comprou a fazenda aludida acima contratou dois índios em Lalima para construir a cerca entre a fazenda e a Divisa da FUNAI. Os índios contratados perceberam que o fazendeiro estava construindo a cerca dentro da Divisa da FUNAI e o questionaram. Mas o fazendeiro não deu ouvidos aos questionamentos, exigiu que o serviço contratado fosse cumprido e grilou mais uma parte do território indígena. A fala do Manuel sobre esse episódio foi a seguinte:

Nóis tava aqui daí o seu... chegô, falô ansim: aonde que eu pode passá a cerca aqui? O seu... falô: cê pode entrá aqui, pode entrá até onde dá aí ó, uns quinhentos metro daí cê vira pá saí pro Treis Canto. Falô: mais esse aí num é do índio seu...? Ele falô ansim: não, é do índio, mais pra quê que índio que terá? Né, e daí eles como são empreiteiro, percisa da changa, né, daí fizeram, que fizeram aquela quebrada ali pa saí no Treis Canto.

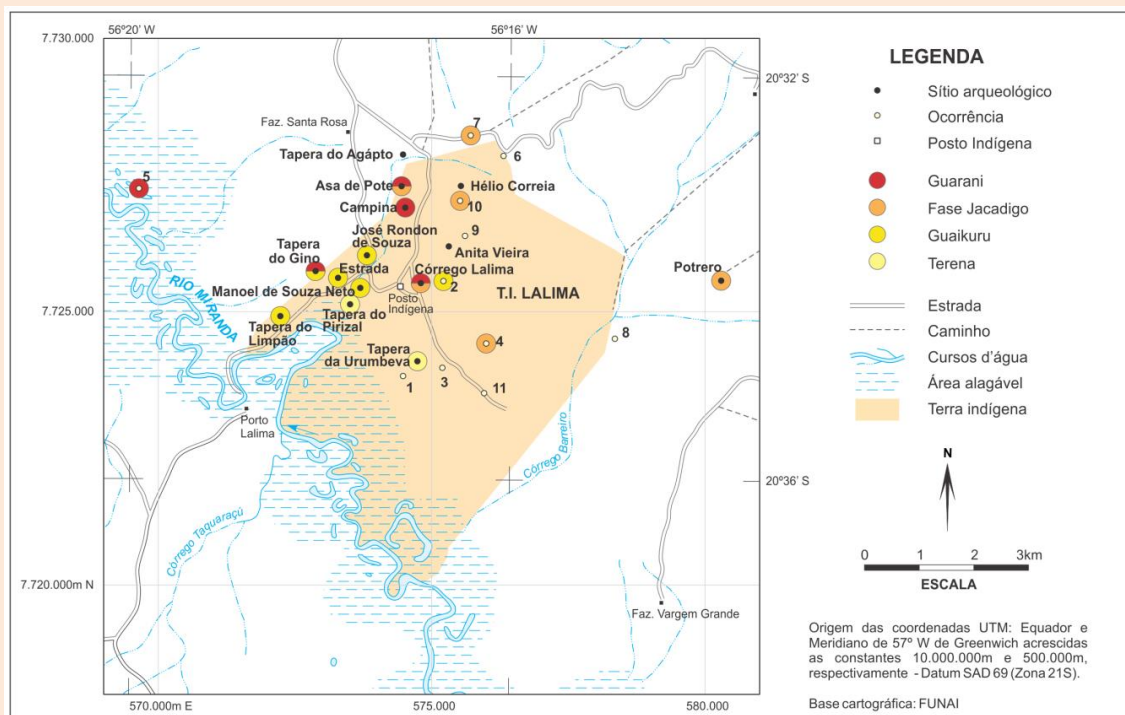
A usurpação territorial cessou só depois que Lalima foi registrada pela FUNAI, nos anos 80. A retomada do Potrero, levado a cabo na sequência do registro da Divisa da FUNAI, após a sua desapropriação pelo INCRA, foi o primeiro de uma série de movimentos que evidenciam a insatisfação com o processo de territorialização imposto pelo colonialismo e que objetivam a reclamação e a reconquista da Divisa do Lalima.

arqueologia na terra indígena lalima

As pesquisas arqueológicas realizadas em Lalima indicam que os Guaikuru e os Guaná, associados aos sítios formados por cerâmicas classificadas nas tradições tecnológicas Guaikuru e Terena, se estabeleceram em lugares que já haviam sido antropizados pelos Guarani-Itatim e, talvez, pelos Gualacho-Labrador, os quais, por sua vez, podem estar associados aos sítios com cerâmicas afiliadas à Tradição Pantanal. Não obstante, o contexto de implantação dos sítios na paisagem varia em conjunto com a variabilidade artefactual, observada mais de perto através de análises cerâmicas, e a cronologia de ocupação, baseada em datações absolutas e relativas.

Os sítios Guaikuru e Terena estão implantados em patamares mais baixos, próximos da confluência do cór. do Lima e de outras nascentes e vazantes com a planície de inundação da margem direita do rio Miranda. Mais especificamente, a maioria dos sítios Guaikuru encontra-se no Baxadão, enquanto que os sítios Terena

estão localizados no Pirizal e na Urumbeva. Os sítios da Tradição Pantanal, surpreendentemente, estão nos patamares mais altos, em topos de colinas e encostas de morros, nas proximidades das cabeceiras dos córregos Lima, Guanandi, Jaraguá e Barrero, na Sede, na Campina e no Potrero. Os sítios Guarani localizam-se tanto nos patamares mais baixos quanto nos mais altos, não raro nos mesmos compartimentos topográficos que os sítios Pantanal e Guaikuru, a exemplo dos sítios Córrego Lalima e Asa de Pote, formado por registros Guarani e Pantanal, e a Tapera do Gino, constituída por materiais Guarani e Guaikuru (Mapa 3).



Mapa 3 - Localização dos sítios arqueológicos na Terra Indígena Lalima⁴⁸

A cerâmica Guaikuru em Lalima é semelhante à Kadiwéu, conhecida etnograficamente desde as descrições de Sanchez-Labrador⁴⁹ e das coletas de Alexandre Rodrigues Ferreira⁵⁰ e Guido Boggiani⁵¹. Em Lalima, a cerâmica Guaikuru caracteriza-se pela utilização de antiplásticos formados por cacos moídos,

⁴⁸ BESPALÉZ (2014, p. 121).

⁴⁹ SANCHEZ-LABRADOR, J. S. *El Paraguay Católico, con sus principales provincias convertidas a la Santa Fé y su vasallaje del Rey de España por Jesús, en gran parte arruinada por los mamelucos del Brasil restablecidas por los mismos misioneros - año de 1770*. Buenos Aires: Hermanos, 1910.

⁵⁰ FERREIRA, A. R. A expedição philosophica pelas capitánias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. In: SOARES, J. P. M.; FERRÃO, C. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. s/l: Kapa, 1971.

⁵¹ BOGGIANI, G. *Os Caduveos*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

minerais e conchas trituradas; técnicas de manufatura acordelada e modelada; morfologias com bordas diretas, direto-inclinadas-interna, direto-inclinadas-externa, extrovertidas e infletidas, lábios modelados, biselados, aplanados, arredondados, expandidos, com rebarba externa, reforçados, apontados e marcados; bases circulares planas e convexas, e subcirculares côncavas, espessuras entre 0,3 e 1 cm, e apêndices em forma de alças de suspensão; faces externas alisadas, polidas, engobadas com banhos vermelhos, pintadas com linhas e faixas vermelhas e pretas, impressas com cordas, revestidas com banhos de barbotina, enegrecidas, perfuradas, ponteadas e incisadas, faces internas alisadas, polidas, revestidas com barbotina, engobadas com banhos vermelhos, pintadas de vermelho e preto, enegrecidas e perfuradas, lábios alisados, polidos, modelados, revestidos com barbotina, engobados de vermelho, pintados com faixas vermelhas, entalhados e engrecidos; queima incompleta; cores marrom, cinza, branca, vermelha, amarela, preta e pink; e sinais de fuligem, sulcos de polimento e redução devido ao uso na face externa, bem como depósitos de carbono, fermentação e redução na face interna (Prancha 1). Em conjunto com a cerâmica, foram encontrados líticos brutos, como percutores e afiadores, restos osteológicos de alimentação, sobretudo ossos de gado, e materiais de origem europeia, como vidros, metais e miçangas, além de feições e estruturas arqueológicas.

A cerâmica Terena conta com antiplásticos compostos por cacos moídos e minerais; manufatura acordelada; bordas diretas e extrovertidas; lábios marcados, aplanados, apontados, arredondados, biselados, com rebarba externa, expandidos e reforçados, espessuras entre 0,4 e 1,4 cm; faces polidas, alisadas, engobadas com banhos vermelhos e enegrecidas, e lábios alisados e polidos; queima incompleta; coloração marrom, cinza, preta, branca e vermelha; e marcas de fuligem, depósitos de carbono, redução e atrito devido ao uso (Prancha 1). A densidade de materiais industrializados em contexto com a cerâmica Terena é bem maior que nos sítios Guaikuru e as estruturas dos sítios Terena são similares às das residências atuais.

A cerâmica da Tradição Pantanal em Lalima é análoga à Fase Jacadigo⁵². Em termos gerais, a cerâmica Pantanal em Lalima apresenta antiplásticos minerais, cacos moídos, conchas trituradas e ossos estilhaçados; manufatura acordelada e modelada; bordas diretas, extrovertidas e direto-inclinadas interna e externamente, lábios reforçados, dobrados, com rebarba-externa, arredondados, biselados, aplanados e apontados, bases circulares côncavas e planas, apêndices de suspensão em forma de alças e asas, espessuras entre 0,3 e 1,5 cm, diâmetros das bocas entre 14 e 32 cm, alturas entre 5 e 15 cm, vasilhas abertas, fechadas e fechadas com pescoço, contornos simples e inflectidos, formas semiesféricas, semielípticas horizontais e semiovais verticais; faces externas polidas, alisadas, incisadas, pintadas com linhas, faixas e

⁵² SCHMITZ, P. I. et al. Aterros indígenas no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Pesquisas*, n. 54, 1998 (Série Antropologia).

círculos vermelhos, engobadas com banhos vermelhos, revestidas com banhos de barbotina, impressas com cordas, aplicadas com apliques *al pastillage* e mamiliformes, enegrecidas, corrugadas, ponteadas e roletadas, faces internas polidas, alisadas, pintadas, enegrecidas, engobadas e revestidas com barbotina, e lábios polidos, alisados, aplicados, pintados, ponteados, engobados e unguados; queima incompleta; coloração marrom, cinza, amarelo, preto, branco, vermelho e pink; marcas de fuligem, oxidação, redução e atrito devido ao uso, e sulcos de polimento na face externa, e de depósitos de carbono, fermentação, oxidação, redução e sulcos de polimento na face interna (Prancha 1). Além da cerâmica, os contextos arqueológicos associados à Tradição Pantanal em Lalima apresentam materiais líticos polidos, brutos e lascados, como lâminas de machados, tembetás, polidores, almofarizes, percutores, núcleos e lascas.

A cerâmica Guarani em Lalima, enfim, é análoga à encontrada na bacia platina e no litoral da região Sul do Brasil⁵³⁵⁴. Em Lalima, a cerâmica Guarani apresenta antiplásticos constituídos por cacos moídos, minerais e conchas trituradas; manufatura acordelada; bordas côncavas, diretas, direto-inclinadas-interna, direto-inclinadas-externa, extrovertidas, cambadas, infletidas, carenadas e introvertidas, bases circulares planas e côncavas, espessuras entre 0,4 e 3 cm, diâmetros da boca entre 10 e 58 cm, alturas entre 5 e 10 cm, classes morfofuncionais *cambuchi*, *yapepó*, *cambuchi caguabá* e *ñaetá*⁵⁵; faces externas alisadas, corrugadas, polidas, engobadas com banhos brancos e vermelhos, pinturas vermelhas, vermelhas sobre engobo branco e pretas sobre engobo branco, unguados, roletados, escovados e incisos, faces internas alisadas, polidas, engobadas com banhos brancos e vermelhos, pinturas de linhas e faixas vermelhas, em superfícies simples ou sobre engobo branco, e lábios alisados, polidos e pintados com faixas vermelhas; queima incompleta; colorações amarronzadas, amareladas, rosadas, preteçadas, avermelhadas, cinzentas e branqueadas; marcas de fuligem, sulcos de polimento e oxidação nas faces externas, e de fermentação, depósitos de carbono, sulcos de polimento, redução e oxidação nas faces internas (Prancha 1). Afora a cerâmica, os contextos Guarani contam com materiais líticos lascados, brutos e polidos, como lascas, núcleos, percutores, pilões e tembetás. Cabe destacar, ainda, um tembetá de resina, achado na escavação de um poço-teste.

⁵³ LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato arte e cultura, 1989.

⁵⁴ KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: Prous, A. & Lima, T. A. (org.). **Os ceramistas Tupiguarani**. Brasília: IPHAN, 2008.

⁵⁵ La Salvia e Brochado (1989).



Prancha 1 - Registros arqueológicos coletados na Terra Indígena Lalima: A-FF: Tradição Pantanal;
GG-OO: Guarani; PP-AC: Guaikuru; AD-AH: Terena.

O contexto Guaikuru no sítio Tapera do Gino foi datado em 90 ± 30 Antes do Presente (AP)⁵⁶. A Tradição Pantanal foi datada em 1.070 ± 60 AP, no sítio Asa de Pote, localizado na Campina, e em 550 ± 30 AP no sítio Córrego Lalima. O material Guarani foi datado em 960 ± 60 AP, no sítio Córrego Lalima. Os sítios Terena não foram datados, porém, de acordo com as informações etnográficas, é possível que os mesmos tenham sido formados a partir do final do séc. XIX e início do XX. A Tapera do Pirizal, ocupada, principalmente, pelos Souza, porém também por outros, parece ser um pouco mais antiga que a Tapera do Urumbeva, a qual, por sua vez, teria sido formada com a chegada de pessoas vindas de outros lugares, convocadas pelo SPI. Esse parece ser o caso das famílias De Paula e Rodrigues, formada por indígenas Guaikuru e Laiana oriundos do Morro Grande, sobretudo da Fazenda Jaboti, localizado nas encostas dos contrafortes orientais da Serra da Bodoquena, drenados pelos afluentes da margem esquerda do Miranda, e dos Kinikinao, procedentes do cór. Agachi, em Miranda. Os Souza, reconhecidos como os mais antigos de Lalima, teriam vindo do Campo dos Índios, onde atualmente se encontra a Terra indígena Kadiwéu, do outro lado do lineamento da Bodoquena, nos piemontes, campos e pantanais na margem esquerda do Paraguai.

Tabela 1 - Datações arqueológicas na Terra Indígena Lalima⁵⁷

Data radiocarbônica convencional AP	Data calibrada 2 sigma AC-DC/AP	Código do laboratório	Sítio	Proveniência	Material	Tradição tecnológica
90 ± 30	1810 a 1930/140 a 20	Beta (332611)	Tapera do Gino	Poço-teste 4, nível 3, X=15cm, Y=75cm e Z=31cm	Carvão	Guaikuru
550 ± 30	1390 a 1430/560 a 520	Beta (362388)	Córrego Lalima	Setor 2, superfície, X=981,697, Y=1029,514 e Z=146,271	Cerâmica	Fase Jacadigo
970 ± 60	980 a 1210/970 a 940	Beta (238765)	Córrego Lalima	Setor 1, poço-teste 1, nível 3, X=57cm, Y=23cm e Z=26cm	Carvão	Guarani
1.070 ± 60	870 a 1040/1080 a 910	Beta (238768)	Asa de Pote	Setor 2, poço-teste 1, nível 3, X=56cm, Y=62cm e Z=27,5cm	Carvão	Fase Jacadigo
6.340 ± 70	5510 a 5300/7460 a 7250	Beta (238767)	Asa de Pote	Setor 2, poço-teste 1, nível 6, X=86cm, Y=32cm e Z=51,5cm	Carvão	?

⁵⁶ Em termos arqueológicos, o presente corresponde ao ano em que o método de datação por C¹⁴ foi desenvolvido por Willian Libby. Assim, as datas Antes do Presente (AP) se referem aos anos antes de 1950.

⁵⁷ Bospalez (2014, p. 165).

combate ao colonialismo e descolonização da arqueologia na terra indígena lalima

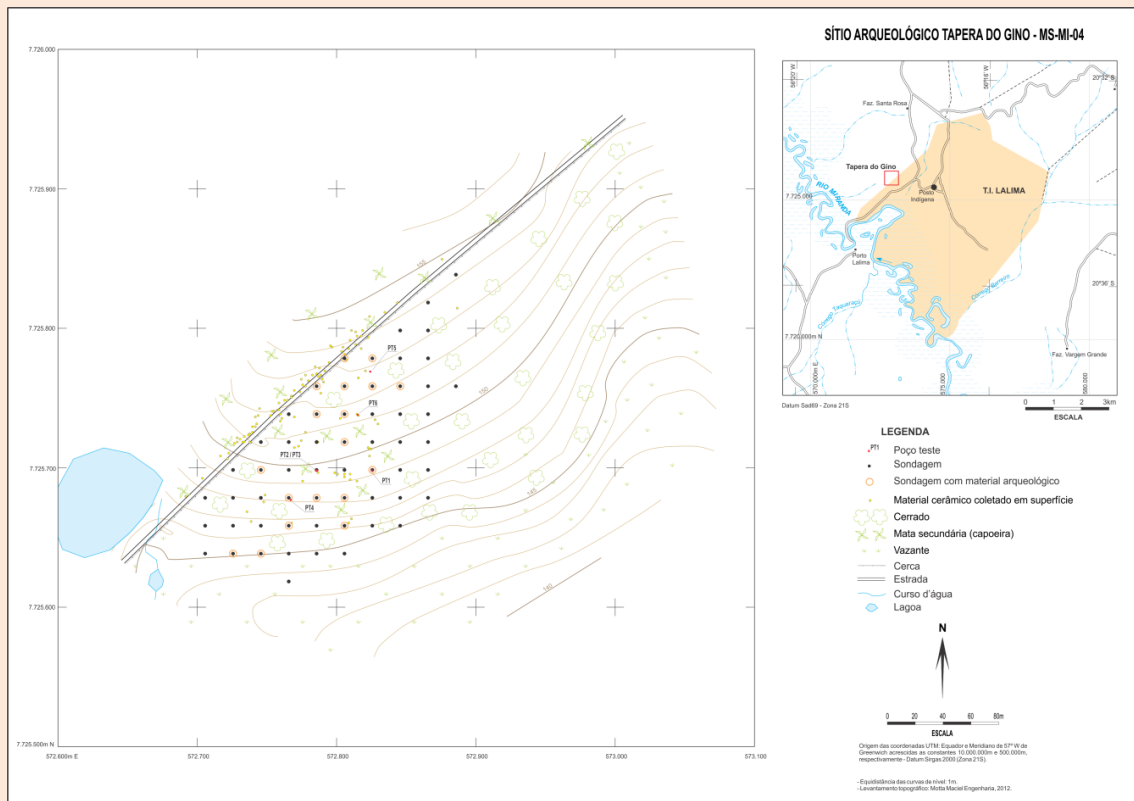
A Tapera do Gino está implantada em uma colina suave, situada no limite entre a Divisa da FUNAI e a área que foi arrendada pelo fazendeiro em troca de um boi por mês. Com efeito, a cerca e o acero da fazenda, construídos naquela ocasião que resultou no surgimento da Quebrada da cerca do três canto, cruzaram a Tapera do Gino, em um eixo NE-SW, por mais de 200 m de extensão e aproximadamente 10 m de largura. Parte das camadas arqueológicas foi perturbada e muitos materiais foram remexidos e deslocados pelos impactos causados por essas benfeitorias (Mapa 4).

A colina é formada por sedimentos arenosos e afloramentos de xisto e quartzo, recobertos por uma capoeira. As biodiversidades faunística e florística no lugar são enormes. Há uma nascente tributária da margem direita do Miranda nas proximidades da parte oeste do sítio, atualmente represada pela fazenda. Ao leste e ao sul da colina, há uma vazante, um ecótono característico do Pantanal, por onde escoam as águas no período das chuvas e das cheias, entre novembro e maio.

Conforme acordado com os índios, apenas a porção da Tapera do Gino situada em Lalima foi investigada arqueologicamente. Essas investigações indicam que o sítio possui um formato semiesférico, com aproximadamente 1,9 há e até 0,70 m de espessura. A densidade de materiais arqueológicos em superfície é de 0,4 g/m². Ao contrário do percebido inicialmente, a parte investigada da Tapera do Gino é formada principalmente por correlatos da trajetória histórica Guaikuru e Guana. No entanto, é possível que a parte do sítio contida na fazenda pode apresentar frequências maiores de materiais Guarani. Seja como for, observações preliminares da porção disposta na fazenda sugerem que o contexto arqueológico é semelhante ao encontrado no pedaço da Aldeia.

Diferente dos sítios Terena, a comunidade não mantém memórias relativas à Tapera do Gino e aos outros sítios Guaikuru. Mas eles se identificam com os materiais arqueológicos, principalmente em se tratando da cerâmica. O Manuel acredita que a Tapera do Gino foi formada pelos parentes dele, dizendo que “di certo era meus vô que andava por aí”. Ele também pensa, em uma espécie de nostalgia romântica relativa ao passado guerreiro dos Guaikuru, que “os índio que morava aqui era feio”. Além disso, ele tem várias ideias sobre os significados de algumas feições e estruturas evidenciadas no sítio. Uma feição detectada com a escavação de um poço-teste, formada por sedimento escuro fétido, fragmentos cerâmicos, carvões e ossos de boi foi interpretada como o correlato de um churrasco: o sedimento escuro e o odor pútrido teriam se originado da gordura que pingou enquanto a carne

assava. Uma estrutura achada em outro poço-teste, constituída por blocos de xisto, pequenas feições circulares, argila queimada e carvões, além de cerâmicas, líticos brutos, ossos e materiais de origem europeia, notadamente cacos de vidro e miçangas, foi entendida como um fogão disposto sobre uma espécie de jirau, semelhante aos fogões utilizados na maioria das residências da Aldeia.



Mapa 4 - Planta do sítio arqueológico Tapera do Gino⁵⁸.

É possível que o conjunto de sítios Guaikuru situados no Baixadão corresponda à Lalima oitocentista relatada por Joaquim Alves Ferreira⁵⁹. Além disso, não só é igualmente razoável que o espaço da Tapera do Gino não estivesse segregado quando o sítio estava sendo ocupado pelos Guaikuru e Guana, como ainda é provável que haja outros sítios Guaikuru na fazenda. É justamente esse o sentido no qual a Arqueologia em Lalima pode proporcionar recursos simbólicos que legitimem as demandas territoriais da comunidade, pois ao que tudo indica os ancestrais Guaikuru e Guana não eram constrangidos pelos limites impostos pela

⁵⁸ Bespalez (2014, p. 173).

⁵⁹ Ferreira (2001).

territorialização. O fato da Tapera do Gino ter sido seccionada pela cerca da fazenda insere a memória etno-histórica, a paisagem cultural indígena e a arqueologia em Lalima no mesmo contexto sociopolítico. Com isso, a arqueologia rompe com a verve positivista, evolucionista e colonialista que a caracteriza desde os seus primórdios, para se tornar uma ciência humana e social ao pé da letra, voltada para a transformação social, na medida em que pode ser descolonizada e utilizada para capacitar a comunidade com recursos simbólicos que legitimem a demanda territorial pela Divisa do Lalima.